

VIAGENS

AMAZONAS

Cor e som na vastidão da floresta

Ritmos da natureza hipnotizam visitantes na reserva ecológica de Mamirauá, cidade a uma hora de barco de Tefé

EDUARDO GERAQUE
de Mamirauá

Fim do dia, e que dia. É hora de dormir no meio da selva amazônica. Na pousada flutuante da Reserva de Desenvolvimento Sustentável de Mamirauá a experiência ganha sons inesquecíveis. Por causa da arquitetura das casas, que na parte superior das paredes, na junção com o teto, têm telas para que o ar circule e o calor não se torne insuportável, o visitante tem a sensação de estar quase ao ar livre. Os pássaros, com seus vãos rasantes, podem ser ouvidos perfeitamente. Embaixo da casa, os pirarucus também saltam e o barulho da água parece que sai debaixo da sua própria cama.

O dia clareia e, rapidamente, o visitante é despertado, pois a luz entra por todos os lados do teto. Ainda bem, assim existe mais tempo para curtir as 11 trilhas, apenas uma maior que um quilômetro, que há na parte da reserva destinada ao ecoturismo. A verdadeira hileia amazônica está ali, ao alcance dos olhos. Por causa das fortes restrições ambientais que há na região, conhecer a floresta tropical em seu estado bruto não é para qualquer um. Além de precisar compartilhar do espírito de viver com os moradores, ou seja, deslocando-se apenas de barco — o aeroporto mais próximo de Mamirauá está em Tefé, a uma hora de “voadeira” da pousada flutuante — e usar água do rio Solimões e seus afluentes ou da própria chuva, apenas mil pessoas podem entrar lá por ano. Em um mesmo fim de semana, o grupo não é maior que 20 pessoas. A sensação de isolamento, mesmo com a lotação máxima, é total.

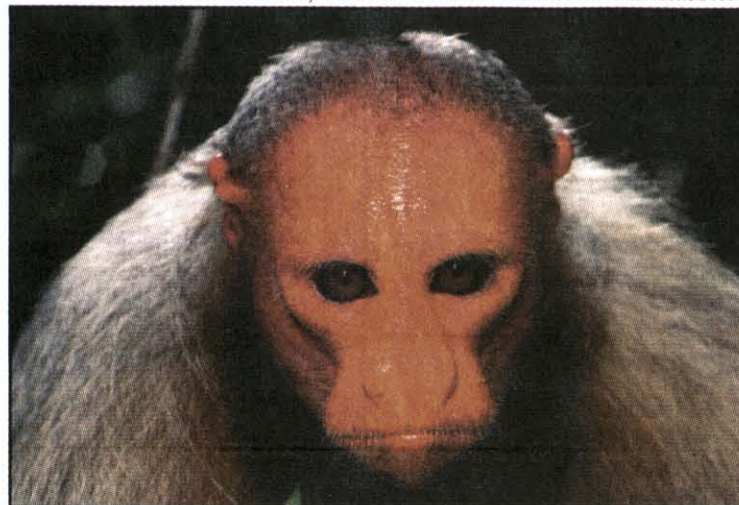
Depois do café da manhã com frutas nativas, a ordem é ir todos para as canoas. É o momento tão esperado de entrar sob as árvores da maior floresta tropical do mundo. No primeiro momento é impossível não se assustar ou se impressionar com aquelas escalas fora dos padrões humanos. Os guias locais, enquanto levam os pequenos grupos pelas trilhas, contam histórias de visitantes ilustres como Fernando Henrique Cardoso e Bill Gates. Este, enquanto sua mulher se maravilhava com a flora e fauna local, não tirou os olhos de um livro, sentado no banco traseiro da pequena canoa.

Por causa dos ouvidos e olhos treinados desde criança dentro da selva, os moradores de Mamirauá, naquele ambiente específico, enxergam e ouvem melhor que um morador da cidade. “Olha lá, está ouvindo?”, perguntam eles. Quase sempre a resposta é não. Mas, depois de alguns segundos, basta fixar os olhos nos topos das árvores para enxergar um macaco se alimentado. Arredios, eles quase sempre desaparecem, saltando de galho em galho, quando os invasores chegam. A grande vedete em Mamirauá é o uacari branco. A necessidade de se



Fotos: Luis Carlos Marigo

Milhares de aves, macacos raros e a biléia amazônica: flora e fauna criam cenário em mutação permanente



estudar esta espécie de macaco foi a responsável pela criação da reserva, por iniciativa do primatólogo Marcio Ayres. O uacari não chegou a entrar na lista dos animais em extinção porque suas feições bastante semelhantes às do ser humano causaram piedade nos nativos e caçadores. Apesar de presente na região, não é tão simples ver um uacari nas trilhas.

O fator sorte é decisivo. Às vezes a decepção é maior ainda quando, na volta para a base, se descobre que um outro grupo avistou o incrível uacari e o seu não. Os macacos guariba (estes gritam muito alto), prego e de cheiro

são vistos com mais facilidade. Basta olhar bem para o alto das árvores, que lá estão, a dezenas de metros de altura. Um binóculo, bem calibrado, pode ser de grande ajuda.

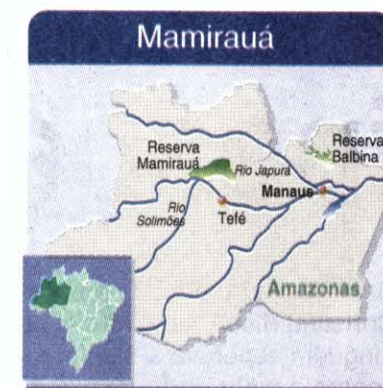
Como a Reserva de Mamirauá está localizada na várzea amazônica, o ambiente muda completamente dependendo da época da visita. Entre junho, quando ocorre o pico da cheia, e outubro, período seco, o nível da água muda em 12 metros. Na época em que as águas estão altas e até algumas casas dos ribeirinhos ficam submersas, ninguém faz a trilha a pé. A única forma de conhecer o verde amazônico é a bordo de uma canoa, que percorre o

mesmo itinerário da trilha. Na época da seca, o percurso é vencido a pé.

Sob as árvores é interessante observar ainda a diferença de temperatura que existe perto do solo, como também a briga das plantas pela luz do sol. Quase não existe sobreposição. Todos, afinal de contas, precisam fazer sua fotossíntese. Despercebida da maioria, a vida “microscópica” da Amazônia também é incrivelmente diversificada. Os milhares de insetos não podem deixar de ser observados. No caso das aranhas, as enormes teias tecidas entre os galhos das árvores são muito mais do que obras de arte.

Dentro da água, atrações também

não faltam. Ver o pirarucu, o principal peixe da Amazônia que ainda luta contra a extinção, em seu ambiente natural, é muito interessante. Muitas vezes, já a vários metros de distância, é possível ouvir o barulho do seu pulo. Ele bóia na superfície da água e depois se bate, fazendo bastante força com sua nadadeira dorsal. Para quem prefere os répteis, três espécies de jacarés são identificadas nos rios e lagoas (ficam separadas apenas na seca) de Mamirauá. O mais comum é o jacaré-açu, seguindo pelo tinga. O mais raro é o jacaré coroa, normalmente maior em tamanho que os outros dois. Independentemente do tipo,



os jacarés convivem em harmonia com as piranhas, que também infestam os rios da região. Durante a seca, quando o rio fica com menos água e, por isso, os peixes mais concentrados, mergulhar em Mamirauá é considerado suicídio. Mesmo na cheia, os turistas são desaconselhados a tomar esta irresistível atitude.

No pôr-do-sol amazônico não são apenas os jacarés que ficam mais visíveis. O boto cor-de-rosa, que na verdade é cinza em boa parte da sua vida (os cientistas ainda estudam a transformação de sua cor cinza para a rosácea, mas não têm resposta definitiva), também costuma sair para se alimentar. Com movimentos lentos e ritmados, a sua performance dentro das águas amazônicas combina perfeitamente com o cenário de tranquilidade do lugar, já que todo e qualquer tipo de civilização está bem longe dali. Basta uma noite sem lua para se perceber a escuridão assustadora da selva. Os bichos preguiça, sobre os galhos das árvores, também convivem, de forma inextricável, que a natureza da floresta tem uma cronologia bem diferente daquela das cidades.

Fora da água, um bom papo com os moradores locais — alguns dos programas de ecoturismo levam os visitantes às comunidades ribeirinhas — traz outros tipos de informação menos científicas e mais empíricas. Assim como os pescadores conseguem saber quantos pirarucus há em uma determinada lagoa apenas contando pelos saltos que eles dão, histórias folclóricas sobre botos e onças também não faltam. É, com certeza, um outro Brasil dentro do próprio Brasil.

O incrível de um lugar como Mamirauá, apesar da distância e de uma falta de conforto relativo na pousada, é que se pode ficar olhando para o mesmo lugar o dia inteiro. A vida natural ali é tão dinâmica e tranqüila ao mesmo tempo que dificilmente um cenário se mantém estático. É um quadro vivo. As infinitas quantidades de aves que existem na região, por exemplo, estão sempre em movimento, colorindo os céus ou sonorizando a noite da vastidão amazônica. Som é o que também não falta em uma típica, e às vezes assustadora, tempestade tropical, vista lá de dentro do coração da Amazônia.